

MEMÓRIA DE OFÍCIO: O BATALHO EM ABAETETUBA

Hilécia Lúcia Gama da SILVA,
João Rosenildo da S. RODRIGUES
Kézia Sueli Ferreira de ALMEIDA
Lindalva Soares das CHAGAS
Roni Macedo CORDEIRO
(Alunos pesquisadores do NPCUBT)

Resumo: O Núcleo de Pesquisa do Campus Universitário do Baixo Tocantins apresenta como trabalho inicial o estudo de um dos mais singulares ofícios abbaetetubenses: o batalho. Buscando registrar suas origens na dinâmica da cidade e das perspectivas emergentes.

Introdução

A idéia deste artigo é a de relatar uma das atividades desenvolvidas durante a implantação do Núcleo de Pesquisa do Campus do Baixo Tocantins procurando mostrar as várias nuances de um estudo inicial feito pelos alunos pesquisadores: o estudo do ofício do *batalho*.

A aproximação junto aos *batalhadores*, apesar de algumas exceções, a princípio causou estranheza, o que se revela na fala de um dos *batalhadores*:

Há muito anos que trabalho aqui, deixando ... seja aluno, seja professor, doutor em cargo, e nunca veio ninguém daí saber da gente. O que interessa p'ra universidade saber da minha história? (A. M.)¹

As desconfianças foram muitas, alguns acreditavam que o trabalho tinha relação com algum partido político, além disto, havia uma certa resistência ao gravador. Percebeu-se que era necessário mostrar a pesquisa realizada para a comunidade. Foi assim que foram

¹Batalhador há dez anos na profissão e que trabalha próximo ao Campus.

fotografados os vários pontos de *batalho* e seus *batalhadores* para exposição na praça da matriz do município durante um evento da UFPA², buscando obter maior credibilidade por parte dos informantes.

Esta atividade tem como objetivo revisitar a memória da cidade de Abaetetuba através do olhar, da lembrança e da voz dos *batalhadores*. No esforço de poder construir e registrar várias perspectivas sobre o município é fundamental, na construção de uma memória coletiva, asseverar o direito de lembrar dos mais diferentes agentes sociais. Pois, não se pode compreender a memória da sociedade sem percebê-la na dinâmica das tensões de poder entre variados grupos e classes sociais.³ A memória se configura em elemento essencial dentro do que chamamos de *identidade*, ou *identidades*, sejam elas individuais ou coletivas; cuja busca é uma das atividades fundamentais do indivíduo nas sociedades de hoje.⁴ Como bem sintetiza Ecléa Bosi, *um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais*⁵, é preciso mergulhar na memória para se saber quem se é. Então, para se conhecer a dinâmica social de Abaetetuba se faz fundamental uma aproximação com a memória dos mais diferentes atores sociais.

Outro ponto deve ser ressaltado: lembrar não é reviver, mas é refazer, reconstruir e repensar com idéias de hoje as experiências do passado.⁶ Assim, trabalhar com a memória dos *batalhadores* do município é reconstruir o passado da cidade, uma reconstrução marcada pelas especificidades de gênero, de geração, e da própria profissão que ensinou a esses homens a enxergarem a cidade a partir do selim de suas bicicletas.

Assim, o Núcleo de Pesquisa, procurando garantir e valorizar a memória daqueles atores sociais que pouco são ouvidos, busca registrar e discutir as memórias de personagens que vivem à margem da economia formal, do mundo dos letrados e dos direitos políticos institucionais. Como parte desse projeto de valorização das *memórias marginais*, procurou-se trazer alguns taxicelistas para

² VII IFNOPAP - Imaginário das Formas Narrativas e Orações Populares da Amazônia Paraense.

³ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas-SP: LINKAMP, 1990, p. 475.

⁴ *Ibid.*, p. 476.

⁵ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Edusp, 1987, p.39.

⁶ BOSI, *op. cit.*, p. 17.

lembrarem com a comunidade acadêmica um pouco da dinâmica da história da cidade.

Origem do Ofício

Situada às margens do rio Maratauíra, ao nordeste do Estado do Pará, Abaetetuba (do tupi-guarani, terra de homens fortes e valentes), limita-se com os municípios de Barcarena, Igarapé-Miri, Moju e Limoeiro do Ajuru⁷. Com uma população de aproximadamente 119.072 habitantes⁸, Abaetetuba tem diversos traços culturais singulares, entre os quais se destacam o artesanato de miriti, construção naval e o *batallho*, objeto de estudo do presente trabalho.

O que salta aos olhos logo que se chega a Abaetetuba é o grande número de bicicletas trafegando em grande número pelas ruas deste município. O visitante mais atento logo perceberá nas paradas de ônibus, nas esquinas ou nas praças, grupos de homens reunidos, com camisas padronizadas, verdes, vermelhas ou amarelas conforme o “ponto”, cada um com sua bicicleta, oferecendo seus serviços, interpellando o visitante – “Ei, Ei, patrão... um real a deixada”. É assim que circulam pelo município os *batallhadores*, responsáveis pelo transporte de pessoas e cargas de todo tipo. A figura peculiar do *batallhador* desperta o interesse, pois nos municípios vizinhos este tipo de atividade não existe. Então como surgiu o *Batallho*?

Os relatos dos *batallhadores* entrevistados nos revelam que este ofício surgiu por volta dos anos 1970 com o fim das antigas agências de bicicletas. Para entendermos o surgimento e a expansão do *batallho* em Abaetetuba faz-se necessário examinarmos a trajetória da economia da cidade, que apresenta vários ciclos.

Até meados do século passado, o cultivo da cana-de-açúcar figurava entre os principais suportes da economia abaetetubense, subsidiando a produção da aguardente, o que rendeu à cidade a alcunha de “Terra da Cachaça”.⁹ No entanto, com a diminuição das

⁷ MACHADO, Jorge. *Veras de Abaetetuba*. 1986.

⁸ GOVERNO FEDERAL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo de 2000.

⁹ *Ibid.*

exportações e a vinda de bebidas do Centro-Sul (ocasionando o aumento da concorrência) fez com que tal atividade entrasse em declínio, forçando o deslocamento de centenas de trabalhadores para o centro urbano. O problema da evasão escolar marca a vida destes homens que cedo deixaram a escola para trabalhar:

Ah! Eu não estudei...esses muitos ano... pra lhe dizê a franqueza eu estudei duas página da cartilha do abc só, porque eu não tinha as condição... (J.N.P.)¹⁰

Com baixa escolaridade e frente à estagnação da oferta de empregos formais e à precariedade dos sistemas de transportes na cidade, fez-se necessário o surgimento de alternativas. Neste contexto, no início da década de 1970, é que surgem as agências de bicicletas e, posteriormente, o *batalhador*.

Na época só existia agência de bicicleta, era lá no comércio, né?...Acho que [éramos] os primeiros, onde a gente foi eu com o Pedro,(...) É em frente do mercado de carne tinha umas bicicletas por ali assim, Mas aí depois surgiram umas três agências, ali no ... , ali onde é ... o mercado Vitória, o Figueiredo né? (...) Na saída pela frente na D. Pedro nós tínhamos três agências de bicicleta... Nós não, eu entrei como empregado lá, né? Inclusive do Ari, o pessoal conhece como o Repuxa, aqui em Abaetetuba, ele e o irmão dele, ele foi um dos primeiros a ter essa agência, ele mais dois senhores que tinham agências de bicicleta.(A. B. S.)¹¹

Nas primeiras agências, as pessoas alugavam as bicicletas pelo período de uma hora. Quando a devolução acontecia antes de completar o prazo acordado, os usuários solicitavam ao dono da agência que alguém os levasse até suas respectivas casas – a título de compensação. Este transporte da agência até a casa do cliente era

¹⁰ Batalhador com 44 anos de idade e 13 anos de profissão.

¹¹ Um dos primeiros a entrar para o ofício em 1971, hoje é dono de um bar.

conhecido como “deixada”. O aluguel de bicicletas na época era bastante rentável já que havia poucas bicicletas circulando na cidade.

Pagavam-se os alugueis por hora e o locador deixava um documento, geralmente a carteira de identidade como garantia de que devolveria a bicicleta. Muitas vezes se alugava a bicicleta para se passear pela cidade, como se pode ver no relato de um *batalhão* que afirma estar no *batalhão* desde 1971:

As pessoas chegavam lá e alugavam para ir passear na cidade, fazer uma viagem né? E na época funcionava essas coisas em Abacetetuba, as pessoas alugavam bicicletas e devolviam de manhã, só para passear na cidade(P.G.F.)¹²

A “deixada” nasceu do momento em que retornando para devolução da bicicleta o cliente pedia para ser levado até a sua casa; esta função era destinada aos moleques que ficavam na agência transportando cargas, pois muitas vezes as pessoas queriam apenas transportar mercadorias do centro comercial para a periferia da cidade. Hoje a “deixada” corresponde ao percurso feito com o passageiro:

...e essa deixada, deixada, deixada mais conhecida como deixada porque a pessoa andava naquela época, digamos assim 45 minutos numa bicicleta, aí chegava, em vez de, p^{ra} completar uma hora, – Ah! Me deixa lá em casa, aí a pessoa já, o moleque, no caso eu que trabalhava com o patrão lá, já era cumprimentado a deixar o cara na casa dele, para completar aquele horário, para ele pagar a hora certa de bicicleta, não existia essa deixada propriamente dita agora como existe hoje nas pontas né?(A . B. S.)¹³

Através das informações é possível perceber que surgem primeiro as agências, depois a “deixada”, mas a palavra “*batalhão*” para designar

¹² Batalhão com 40 anos de idade e 33 de profissão, participou da primeira tentativa de se fazer uma associação.

¹³ *Idem* nota 11

o ofício surge por volta dos anos 1980 com a implantação de fábricas no município vizinho:

Olha a batalha, ela não existia, na época que comecei a trabalhar com bicicleta era só aluguel de bicicleta, só existia, não se chamava batalha, chamava-se deixada, onde se mandava compras, mas só em dois pontos que se mandava as compras, no Raposo e no Cruzeiro, e já o nosso era só pra aluguel de bicicleta, mas no decorrer do tempo, não foi, a partir dos anos oitenta surgiu a batalha era justamente quando chegavam os peões do Conde, aí pegava para deixar na casa o passageiro, aí se tornou-se a batalha. (P.G.F.)

Eles trabalhavam na obra, eram os pedreiros, carpinteiros, eles vinham de carimuhilo aí desciam lá na praça, e aí... eles, eles é que botaram o apelido de batallador ... (P.G.F.)¹⁹

Outro aspecto que chama a atenção é a relação dos batalladores com o trabalho. Observou-se que muitas vezes o batallador não vem trabalhar à tarde por que “O movimento foi bom de manhã... já ganhemo a da bóia...”, em outros momentos se pode constatar os batalladores passando o passageiro para o colega “É que este um ainda não fez nada hoje”. Quando pensamos na lógica do capitalismo que nos impele a competição e a ganhar sempre mais, estes homens nos dão uma lição: parecem trabalhar apenas para ganhar seu quinhão a cada dia e são solidários entre si.

Com base no estudo, se pode dizer que a batalha foi se expandindo em função do declínio de ciclos econômicos na região, dos quais citamos; o ciclo dos engenhos, que corresponde ao momento de grande plantio de cana e fabricação de cachaça, sendo que a cidade ficou muito conhecida pela exportação da cachaça azul. A decadência dos engenhos empurrou o homem do campo para a zona urbana. Mediante a estagnação do mercado de trabalho formal

¹⁹ *Atividade* nota 12

e o baixo grau de escolaridade, fez-se necessário buscar alternativas de sobrevivência. É neste contexto que surge o batalho.

Todo o, os donos de engenho fecharam as portas, aí a gente se tornou um pouco meio acuado, veio embora pra cá pra Abaetetuba, trazer os filhos também pra se educar mais uma pouco né... aí a gente não teve coma, primeiro emprego assim a gente, surgiu negócio de batalho de bicicleta e fiquemos no batalho de bicicleta e fiquemos no batalho de bicicleta, conseguimos trabalhar numa firma lá no Conde né! Aí fracassou de novo aí a gente tornou voltar pro batalho de bicicleta e támos aí no batalho.(M.S.G.)¹⁵

Conforme os dados foram obtidos nas observações e entrevistas se pode afirmar que este é o ofício para aqueles a quem não resta outra opção, é a solução para os desempregados. Em sua maioria os entrevistados afirmaram que foi por este motivo que entraram neste ofício. Como podemos perceber nesta fala:

"Olha ... o que me levou a esse trabalho de batalho na realidade foi devido eu ficar desempregado... Eu trabalhei uns dias empregado, depois... sai da firma e não consegui me fichar"(M.M.)¹⁶

Muitos já trabalharam empregados como pedreiros ou marceneiros em firmas nos municípios vizinhos. Mas a pouca ou nenhuma escolaridade impede a sua recolocação no mercado de trabalho que se tornou mais exigente:

A gente corre atrás de emprego mas é muita formalidade pra fichar. Aí a gente fica nessa. Espera, né com que venha... assim um objetivo pra gente fichar pra poder mudar o trabalho, né, do batalho... pra firma (M.M.)¹⁷

¹⁵ Batalhador com 44 anos, está na profissão desde 1985.

¹⁶ Batalhador com 28 anos há 3 anos no "batalho"

¹⁷ Idem

Os *batalhadores* são os excluídos da escola e do mercado de trabalho, seguem equilibrando sobre as rodas da bicicleta não só passageiros e cargas, mas também os poucos recursos para a sobrevivência da família.

Considerações finais

Reafirma-se a posição a respeito da importância de se resgatar através da pesquisa a memória de ofício dos *batalhadores* no município de Abaetetuba, haja vista que estes, desde o surgimento do *batalho* em meados da década de 70 do século XX, vêm se tornando figuras importantes e integrantes do cotidiano da cidade. Essa atividade vem crescendo pois os *batalhadores* sem nenhuma alternativa de trabalho, procuram o *batalho* como fonte de renda. Sabendo disso, buscou-se através do *batalho* a compreensão dos aspectos econômicos, culturais, sociais da cidade, onde o *batalho* se apresenta como uma solução para o desemprego. Logo, a memória de ofício se tornou um instrumento imprescindível para esse resgate, pois a memória de ofício nos possibilita a reconciliação com a nossa cultura e devolve, ao sujeito pesquisado³⁸, uma descrição de forma escrita e ordenada que fará com que este possa ter uma nova visão do seu trabalho e da sua inserção na sociedade onde vive.

Além disto, o contato com o “Universo do *Batalho*” possibilitou a melhor compreensão do cotidiano do município. Os relatos dos *batalhadores* podem ser um dos principais guias do nosso olhar sobre o cotidiano e a história do município de Abaetetuba. Através das rodas dessas bicicletas, sentados na garupa forrada e com os pés sobre o “porta-pé”, dispostos para um maior conforto do freguês, pode-se revisitar a história de *Abweté*, fazer emergir dramas e tramas de uma cidade espremida entre o rio e a necessidade.

³⁸ Memória de Ofício. Ceres. CEART, Governo do Estado do Ceará, 2000.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes, org. *Um e Outros da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. S.Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

GOVERNO FEDERAL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo 2000

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo : Solaris ,1995

PERREIRA, Lígia Maria Leite. *Algumas reflexões sobre histórias de vida biografias e autobiografias*. *HISTÓRIA ORAL, Revista da Associação Brasileira de História Oral*, nº 3, junho de 2000.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. "Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento". In: Luciano Mendes de Faria Filho (org.), *Arquivos Fatos e Novas Tecnologias: Questões para a História da Educação*. Campinas -SP: Autores Associados, 2002.